

**BREVES APONTAMENTOS SOBRE A EXPANSÃO FÍSICA E A DINÂMICA
SOCIOECONÔMICA DO DISTRITO DE GASPAR LOPES – ALFENAS, MINAS
GERAIS**

**CHARACTERISTICS ON THE PHYSICAL EXPANSION AND THE
SOCIOECONOMIC DYNAMICS OF THE DISTRICT OF GASPAR LOPES -
ALFENAS, MINAS GERAIS - BRASIL**

Lucas Manoel¹
Valéria Aparecida Silva²
Érika dos Santos Borges³

Resumo: Este trabalho descreve parte das mudanças estruturais e da dinâmica socioeconômica ocorridas na comunidade rural de Gaspar Lopes a partir da instalação de uma fábrica de vidros no local. O povoado está localizado em Alfenas – município situado no Sul do estado de Minas Gerais, distante 380 quilômetros da capital Belo Horizonte. Para evidenciar o que ocorreu com o advento da fábrica, utilizou-se referências bibliográficas disponíveis em meios eletrônicos, pesquisa semiestruturada quantitativa e qualitativa – aplicada no bairro – e também análises de observação e descrição em campo. Os resultados obtidos evidenciam que no decorrer dos dois primeiros decênios dos anos 2000, a localidade se desenvolveu consideravelmente em termos de aumento da população e estrutura física.

Palavras-chave: Alfenas. Gaspar Lopes. Dinâmica socioeconômica.

Abstract: This paper describes some of the structural changes and socioeconomic dynamics that occurred in the rural community of Gaspar Lopes from the installation of an on - site glass factory. The village is located in Alfenas – a municipality located in the south of the state of Minas Gerais, 380 km away from the capital Belo Horizonte. In order to highlight what happened with the advent of the factory, we used bibliographical references available in electronic media, semi-structured quantitative and qualitative research - applied in the neighborhood - as well as analysis of observation and description in the field. The results show that during the first two decades of the 2000s, the locality developed considerably in terms of population increase and physical structure.

Keyword: Alfenas. Gaspar Lopes. Socio Economic dynamics.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ. E-mail: lucasgrutam@hotmail.com

² Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL. E-mail: valeria_alfenas@hotmail.com

³ Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL. E-mail: erika-bs@live.com

Introdução

Alfenas está localizada no Sul de Minas Gerais, distante 380 quilômetros da capital Belo Horizonte. O município, a partir de meados do século XX – doravante ao processo de evolução da industrialização brasileira (desencadeada pela descentralização do capital macro-intensivo nas metrópoles do país) passou a galgar, assim como outros municípios em desenvolvimento, uma retomada na economia. Essa guinada, ocorrida em especial a partir da instalação de duas importantes instituições de ensino superior na localidade (a Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas, em 1914 – atual Universidade Federal de Alfenas, e a Universidade José do Rosário Vellano, UNIFENAS, em 1972) fizeram com que a localidade se direcionasse para um patamar que podemos classificar como sendo a de uma típica cidade média (ainda em desenvolvimento) não-metropolitana – centros urbanos em que a importância econômica e densidade populacional acontecem distantes da metrópole regional.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município conta com 77.774 habitantes (Censo 2010), destes, cerca de 94% habitando o núcleo urbano principal – a cidade de Alfenas. Dos moradores que residem no campo, uma das comunidades rurais que mais se destaca (por concentrar grande parte desses indivíduos) é o distrito de Gaspar Lopes, um pequeno povoado (com ares de cidade pequena) localizado a 5 quilômetros da cidade e que, segundo dados do mesmo Censo, possui 664 habitantes distribuídos por 222 domicílios particulares e coletivos.

Para discorrer sobre a origem do distrito recorreremos a obra de Veiga (1874, p.133) e ao “album⁴ chorográfico [*sic*] municipal do estado de Minas Gerais de 1927: estudos críticos”. A análise da primeira fonte nos sugeriu que: por não ter havido nenhuma menção a Gaspar Lopes na obra (mesmo que indiretamente ou com outra denominação conhecida), a de se subentender que o povoado ainda não existia até o findar do terceiro quartel do século XIX, visto que, por sua proximidade física com o distrito-sede (Alfenas), teria sido um erro de registro não citá-lo. Isto sugeriria então que a localidade teria se originado entre os anos de 1874 e 1897 – data em que uma Estação Ferroviária foi inaugurada no ponto. Já a segunda nos revelou, através de um mapa cartográfico, que em 1927 ainda não se considerava o local como um povoado, mas sim, apenas como um espaço de embarque e desembarque de

⁴ Consta no álbum um mapa cartográfico do município de Alfenas de 1927, registro que foi observado e analisado pelos Autores, tendo sido visto, com base em sua legenda, que Gaspar Lopes aparece apenas como uma estação e não como um povoado no referido ano. Disponível em: <https://goo.gl/CHKuTp> Acessado em: Maio de 2017.

passageiros e mercadorias – uma rota, com moradores provavelmente habitando o seu entorno de forma dispersa.

Assim, tendo como base esses primeiros levantamentos e outros que serão expostos no decorrer do trabalho, dividimos (por mera relevância histórica) a cronologia de Gaspar Lopes em quatro fases: a primeira seria o período que antecedeu a instalação da Estação Ferroviária (de 1874 até 1897); a dois, o período de construção e pós-instalação da estação, etapa em que houve a consolidação do ponto como uma rota contínua de passageiros e mercadorias (de 1897 à 1927); a terceira, o período pré-instalação das fábricas, em especial, a de vidros (de 1927 até o findar do século XX); e, por fim, o período pós-instalação e consolidação da fábrica de vidros; fase na qual o bairro ganhou notoriedade e importância econômica para o município de Alfenas.

Sobre a expansão física-populacional em sua quarta fase, provavelmente ocorreu pela vinda de famílias que deixaram a cidade e outras a zona rural, além, é claro, pelo crescimento natural. Algumas dessas famílias, ora expulsas pela segregação urbana, visaram a partir do novo habitat desempenhar trabalhos em fazendas próximas. Já outras, recorreram a localidade para deterem ali um espaço próprio, já que esse espaço lhes eram mais acessíveis financeiramente e socialmente do que na cidade, onde poderiam continuar a desempenhar algum tipo de trabalho (devido à proximidade física) se assim quisessem. Sobre a nomenclatura, Gaspar Ferreira Lopes foi médico, delegado de Polícia Higiene, Juiz de órfãos, promotor, vereador e prefeito. Por tantas benfeitorias como homem público a antiga Estação de Ferro da “Rede Sul Mineira”, inaugurada em 1897, passou a se chamar “Estação de Gaspar Lopes”.

Assim sendo, este trabalho descreve parte da dinâmica socioeconômica deste distrito guiando-se pelo estudo das mudanças estruturais, financeiras e sociais ocorridas na localidade – partindo da instalação de uma indústria e comércio de vidros, em fins da década de 1990, até o ano de 2017. Para evidenciarmos as mudanças ocorridas com o advento da fábrica, utilizou-se levantamentos bibliográficos, pesquisa quantitativa e qualitativa (aplicada na comunidade por meio de questionário semiestruturado) e análises de observação e descrição em campo. A interpretação dos dados e informações seguiu um padrão crítico que primou pelo agrupamento dos mesmos através de tabelas e gráficos, revelando parte da realidade do bairro.

Distrito, bairro rural e crescimento urbano

Sobre distrito, em especial a sua definição, recorreremos à Pinto (2003), que pondera sobre seu significado a partir da descrição sistemática de um município – a menor unidade territorial com governo próprio, que para o autor é formado “pelo distrito-sede, onde acha-se localizada a cidade, que é a sede municipal e que leva o mesmo nome do município e, que corresponde à zona urbana municipal e; também, pelo território ao seu entorno, a zona rural municipal, que pode ser dividida em distritos”. Portanto, nota-se que o termo distrito pode ser entendido como pequenos aglomerados populacionais dispersos na zona rural – “vilas”.

Pina et al. (2008, p.136), utilizando-se a Lei Complementar N° 37 de 1995, traz os seguintes critérios para a instalação de um distrito:

Art. 32 – O município poderá dividir-se em distritos, e, estes, em subdistritos, para efeito de descentralização administrativa. Art. 33 – O distrito-sede terá o nome do município e categoria de cidades, ao passo que os demais distritos, a categoria de vila. Parágrafo único – Os distritos terão o nome do povoado que lhes deu origem, respeitada a denominação vigente na data desta Lei, e serão designados por número ordinal, conforme a ordem de sua criação. Art. 34 – Competem ao município, por meio de Lei municipal, a criação, a organização, a redelimitação e a supressão de distrito, observada a sua Lei Orgânica e o § 2º do artigo 8º desta Lei. § 1º - A sua criação e a redelimitação de distritos devem observar os seguintes requisitos: I – eleitorado não inferior a 200 (duzentos) eleitores; II – existência de povoado com, pelo menos, 50 (cinquenta) moradias e escola pública; III – demarcação dos limites, obedecido, no que couber, o disposto no artigo 9º desta Lei. § 2º - A lei municipal que criar, organizar, redelimitar ou suprimir distrito será publicada no órgão oficial do Estado. (Ibidem, 2008).

Para efeito de classificação do povoado de Gaspar Lopes, o trataremos neste artigo tanto como um distrito rural, quanto bairro ou comunidade rural, tendo em vista que sua classificação oficial ainda não se encontra efetivamente caracterizada pela prefeitura do município (a quem compete a criação, organização e delimitação desses espaços). Sobre os bairros rurais, Halley (2014, p.578) traz a seguinte contribuição teórica:

Derivada do latim *barrium* ou do árabe *bárrî*, a palavra bairro tem um uso comum em todo o Brasil e sói figurar nos dicionários da língua portuguesa em dois verbetes: primeiro relativo a cada uma das partes principais em que se localiza a população de uma cidade ou vila, e o segundo, a aspectos interioranos do pequeno povoado, arrabalde ou arraial, este encontrado nos aglomerados rurais situados no interior do estado de Minas Gerais. A associação do termo com a dimensão rural suscitou uma série de estudos pioneiros sobre esta unidade de povoamento no Brasil. Até os anos 1970, autores oriundos tanto da geografia quanto da sociologia tomaram como foco de análise os bairros “caipiras” [...] percebendo-os como organizações rurais dispersas, estruturadas por grupos de vizinhança, e marcadas por uma consciência

coletiva de pertencimento, emanada na convivência diária do homem do campo com seus parentes, vizinhos e parceiros. (Ibidem, 2014).

Ainda sobre a temática, Queiroz (1973, p.195) revela que:

Os bairros rurais se organizam como grupos de vizinhança, cujas relações interpessoais são cimentadas pela grande necessidade de ajuda mútua, solucionada por práticas formais e informais, tradicionais ou não; pela participação coletiva em atividades lúdico-religiosas que constituem a expressão mais visível da solidariedade grupal; pela forma específica de ajustamento ao meio ecológico, através do trabalho de roça, executado pela família conjugal como unidade econômica e utilizando técnicas rudimentares; pelo exercício do comércio de parte dos gêneros obtidos com a lavoura ou com a criação, como um meio de permitir a aquisição de objetos e mercadorias fabricadas na cidade; pela interdependência visível entre o grupo de vizinhança e núcleos urbanos, locais e regionais, para os quais se dirigem os lavradores, seja para vender seus produtos e comprar mercadorias, seja em romarias religiosas, seja para tratar das poucas atividades administrativas e políticas que estão ao seu alcance (Ibidem, p. 195).

Por entendermos que até o momento ainda não existe um referencial teórico irrefutável acerca de sua conceituação e delimitação, iremos descrever “distrito e/ou bairro rural” de forma simples e objetiva a partir de uma definição empírica, calcada na perspectiva de uma expansão física urbana (ou com aspectos urbanizados) situada na zona rural. Desse modo, consideramos como vila e vilarejo uma pequena aglomeração de moradores que interagem entre si, sem ainda deter um porte e aporte de estrutura urbana consolidada. O aumento do conjunto de casas, com a introdução de mercearias e similares, juntamente com outros elementos típicos da área urbana – sem se igualar a ela, torna(ria) este espaço um bairro. Por sua vez, a junção de dois ou mais bairros rurais fisicamente próximos, ainda que pequenos e em um relativo espaço de contínua interação, com equipamentos sociais de uso comum, já com aspectos urbanizados – ainda que precários, se constitui(ria) como distritos rurais.

A respeito do crescimento urbano (compreendido aqui como a expansão do perímetro urbano, populacional, econômico e social de uma dada localidade), é resultado de ações internas e externas ao município que gera, entre outros, a alteração no fluxo humano, de mercadorias e serviços, podendo ser agrupado e concentrado em um único ponto (distrito-sede) ou distribuído por outras áreas semi-urbanizadas pelo município. Em geral, considera-se como parte urbana a aglomeração de moradores central/principal aonde se encontra localizada a sede administrativa do município. No entanto, não podemos desconsiderar a situação em que pode haver áreas com aspectos rurais na cidade, assim como há alguns povoados urbanizados na parte rural, como o caso do distrito a ser estudado (que por muitos pode ser considerado até uma pequena cidade).

O crescimento desses povoados está muito subjugado ao valor de troca. Como exemplo, vemos que um terreno localizado em um local afastado da cidade pode ser mais interessante para aqueles que buscam tranquilidade, qualidade de vida e um maior espaço físico para a construção de moradias e recreação dos filhos do que os disponibilizados na própria cidade, ou simplesmente, torna-se mais atrativo para aqueles que não podem se alocar na parte urbanizada devido aos altos custos do metro quadrado ou devido a segregação espacial. Assim, ao se tornar mais atrativo à troca, esses espaços passam a se relacionar mais diretamente e intensamente com o distrito-sede e outros, oportunizando, como exemplo, a ampliação da rede comercial pré-existente entre eles, convertendo-se em uma espécie de “extensão descontinuada” da área urbanizada principal.

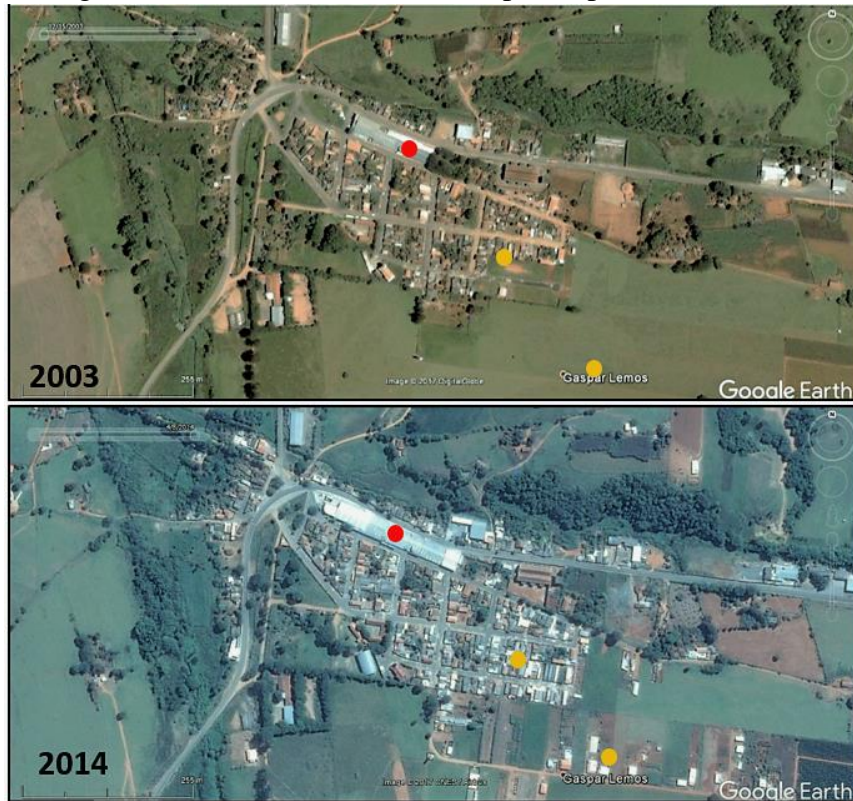
No caso do distrito de Gaspar Lopes, o início da ascensão econômica da área talvez tenha ocorrido, primordialmente, em face da doação das léguas de terras (onde atualmente se localiza parte da comunidade) para a construção da Estação Ferroviária Gaspar Lopes, ocorrida em fins do século XIX. Obra que a colocou na rota do desenvolvimento que desbravava o Sul de Minas Gerais naquele período. Em termos de história, o povoado e as relações econômicas são anteriores a instalação da estação, já que, como lembra Júnior (2013, p.17), logo que Claudino Machado doou as terras para a construção da ferrovia, seus filhos logo trataram de construir uma venda no local “com o intuito de acolher e servir todos os viajantes que por ali desembarcariam”.

Economia de Alfenas e a instalação da fábrica de vidros

Em relação as principais atividades econômicas de Alfenas, podemos destacar, com base no grau de importância que detém para a economia do município, respectivamente: o setor de comércio e serviços, industrial e a agropecuária. Segundo observações realizadas no Website do IBGE (2014), a agropecuária é a atividade que menos gera recursos na localidade, cerca de 86 milhões de reais ao ano. Dentre os diversos cultivos o que mais se destaca é a produção de café, principal manejo agropastoril. O setor industrial, que movimenta próximo de 274 milhões de reais, fica em segundo lugar, valores que são gerados e movimentados, em sua maioria, por pequenas e médias empresas instaladas preferencialmente na parte urbana e que empregam boa parte da população da cidade – note que a Figura 1 mostra (em vermelho) uma dessas empresas que, na contramão das demais, se instalou no distrito de Gaspar Lopes. Já o setor de comércio e de serviços é o que mais se destaca, tornando-se o principal motor

econômico do município, movimentando mais de 1,124 bilhão de reais por ano, situação comum entre as cidades médias da região do Sul de Minas.

Figura 1: Perímetro urbano de Gaspar Lopes em 2003 e 2014



Fonte: Google Earth. Adaptado pelos Autores, 2017.

Ao analisarmos a ilustração (cujo espaço temporal é relativamente curto) foi possível abstrair algumas informações relevantes para a constatação do processo de expansão física e populacional do distrito – a exemplo da estrutura predial da fábrica de vidros (destacada em vermelho) que por pouco não dobrou de tamanho no período, expandindo principalmente no sentido Noroeste do bairro. Observou-se ainda que houve a instalação de um loteamento (e a expansão de outro, já existente) a Sudeste (pontos laranja) e a intensificação na ocupação de terrenos vagos nas quadras do núcleo central (sem destaque nas imagens). Isso se tornou evidente pela observação aérea da área, onde verificou-se o adensamento da mancha urbanizada preexistente com expansão física na ocupação do solo. Sobre o aumento da população, também se torna inequívoco, à medida que mais habitações denotam a fixação de mais moradores – ainda que alguns as utilizem apenas em finais de semana.

Antes de partirmos para a descrição de parte da dinâmica socioeconômica do bairro, discorreremos sobre os métodos utilizados para o levante dos dados e informações. Primeiro,

elaborou-se um questionário semiestruturado com perguntas quantitativas e qualitativas e que foram direcionadas para moradores da localidade. Antes da aplicação, fez-se um levantamento da provável quantidade de estruturas prediais do local – feita por meio da contagem dos telhados através do Google Earth, tendo sido o resultado confrontado a posteriori com o número real de estruturas observadas *in loco* por meio de visita de reconhecimento do espaço a ser estudado. Com isso, percebeu-se que as 216 estruturas contabilizadas virtualmente correspondiam, na verdade, a 364 construções de diversas naturezas (conforme descrição no Quadro 1), já que muitos dos telhados congregavam mais de uma edificação.

Quadro 1. Quantidade e descrição das edificações presentes em Gaspar Lopes⁵

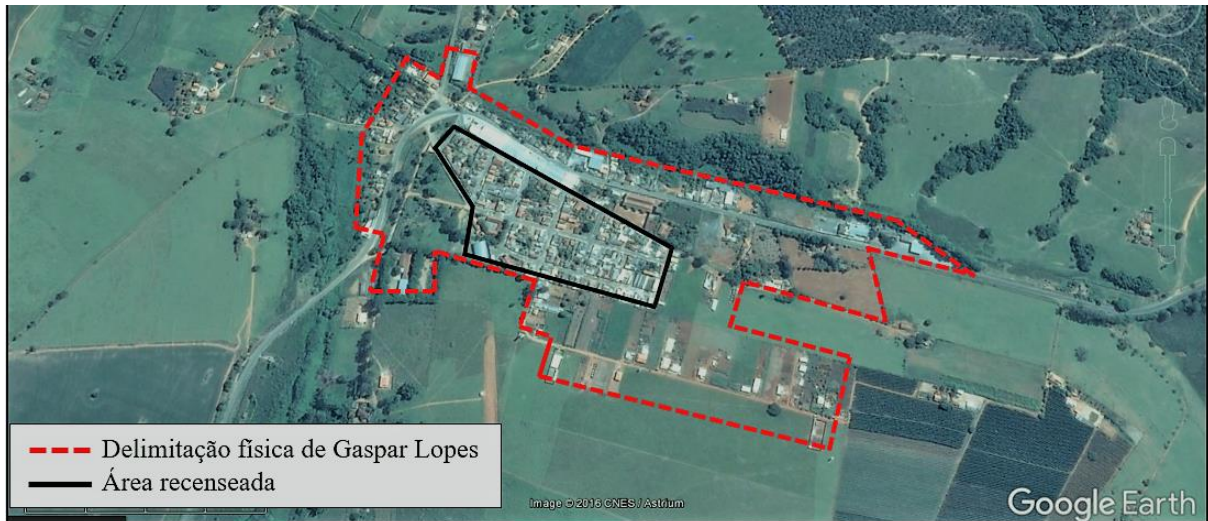
Tipo	Quant.	Descrição
Pontos comerciais ou de prestação de serviços	30	Supermercados; lojas; mercearias; bares; Repartições Públicas; boates; outros.
Estruturas vazias ou em construção	38	Casas; barracões; pontos comerciais.
Residências particulares e coletivas	296	Improvizadas; de pequeno, médio e grande portes; geminadas; projetadas ou oriundas de autoconstruções; rústicas e modernas; semiacabadas ou finalizadas.
Total	364	---

Fonte: Elaborado pelos Autores, 2017.

Pelo considerável número de edificações, optou-se por uma amostragem estratificada, onde primou-se pela coleta de dados e informações apenas dos moradores do núcleo central – conforme delimitado na Figura 2. Feito isso, considerando um erro amostral de 5% e um nível de confiança de 90%, aplicou-se os questionários em uma amostra de 100 das 156 residências presentes na área. A partir do zoneamento, os autores/entrevistadores bateram à porta das casas de forma alternada. Ao final, já com o material das coletas em mãos, partiu-se para a terceira etapa – o agrupamento dos dados e a análise dos mesmos, que serão expostos no tópico a seguir.

⁵ Foi realizada uma visita à Gaspar Lopes em junho de 2017 para o levantamento dos dados e informações presentes no Quadro 1. Na oportunidade, os Autores percorreram todas as ruas que correspondiam o núcleo central e periférico da comunidade – excluindo construções em sítios ou fazendas próximas.

Figura 2.: Delimitação da área recenseada

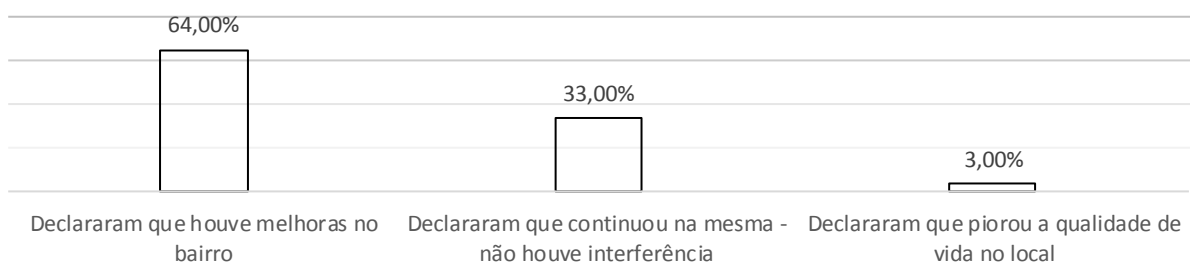


Fonte: Google Earth – Adaptado pelos Autores, 2017.

Análise dos questionários

Atualmente, grande parte dos municípios brasileiros disponibilizam às suas empresas local específico e mais adequado às atividades industriais – os chamados distritos industriais. Porém, dependendo do porte físico e dos objetivos, muitas delas acabam se fixando em outros espaços, como as periferias de bairros. A permanência das empresas nesses locais provoca, a médio e longo prazo, uma readequação de suas estruturas e das relações humanas preexistentes, resultando em uma melhora ou piora na qualidade de vida. Por este motivo, resolveu-se indagar os moradores do distrito sobre essa questão, tendo sido obtido, conforme exposto no gráfico 1, que pouco mais de três quintos consideraram que houve sim melhoras significativas na qualidade de vida após a instalação da fábrica; um terço achou que continuou na mesma, ou seja, não houve interferência; e 3% acharam que houve piora a partir da vinda da atividade industrial.

Gráfico 1: Percepção de qualidade de vida ocorrida no bairro a partir da instalação da fábrica



Fonte: Elaborado pelos Autores, 2017.

Uma das comodidades mais relatadas e que evidencia essa melhora no padrão de vida dos residentes foi a abertura do primeiro supermercado, em 1995, cujo cômodo foi cedido pelos donos da fábrica afim de que fosse instalado no bairro um ponto de comércio voltado para a venda de “secos e molhados” que servisse aos seus funcionários e também a comunidade. Outro apontamento de grande notoriedade foi a compra de algumas residências localizadas próximas a rodovia de acesso ao distrito. As casas foram demolidas e viabilizaram a expansão física da empresa, além de oportunizar que parte dos antigos locatários fossem morar mais para o interior da comunidade. Essa reestruturação do(s) espaço(s) urbanos (ou dos urbanizados) acontecem, segundo Fioravanti (2013, pp. 36,37) porque há uma modificação de determinados pontos “em função de outros espaços articulados a eles, seja em maiores seja em menores escalas”. Fato que promove a valorização de algumas “áreas em detrimento de outras, que se desvalorizam”. Este ciclo do capital, referido pela autora (ao ser transportado e aplicado à realidade de Gaspar Lopes) se refere a formação de seu centro “principal” – ainda em processo de consolidação, por hora, localizado preponderantemente na parte Noroeste da localidade.

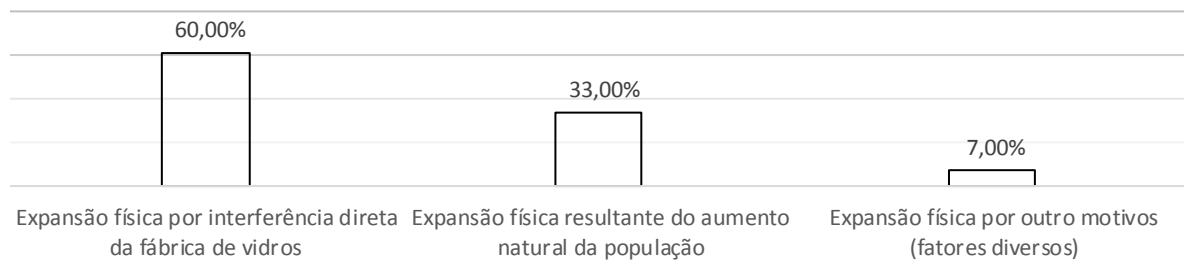
Quando perguntados se o bairro oferece produtos de primeira necessidade, como os de vestuário, gêneros alimentícios, medicamentos e eletrodomésticos da “linha branca” – aqueles cuja finalidade são as necessidades básicas de uma residência, 14% disseram que encontram tudo aquilo que precisam, 64% afirmaram não encontrar os itens mais essenciais à manutenção familiar e 22% responderam que não compram no distrito. Como observado, mais da metade dos entrevistados sentem dificuldade em adquirir determinados tipos de produtos. A situação acontece porque Gaspar Lopes, embora conte com alguns pontos de comércio, entre eles, dois supermercados, não oferece opções mais diversificadas. A falta de produtos faz com que os consumidores recorram a centros mais diversificados, enfraquecendo, por consequência, a economia do bairro. Essa carência pode ser correlata ao pouco poder aquisitivo de grande parte dos moradores, que “inviabilizaria” a permanência de mais lojas no distrito. Porém, ao contrário do que a realidade teórica coloca, não deve-se esquecer ou limitar moradores de baixa renda do direito às oportunidades de compra, situação que é bem definida por Parente e Barki (2005):

[...] a compreensão das necessidades e desejos dos consumidores não é um processo trivial, mas exige técnicas qualitativas mais sofisticadas que consigam desvendar os sentimentos e as motivações mais profundas dos consumidores de baixa renda. O entendimento das necessidades dos clientes, aliado a um formato organizacional

focado na manutenção de um bom clima de atendimento e de envolvimento na situação de venda, deverá favorecer o estreitamento do relacionamento com esses consumidores e o consequente incremento do volume de negócios (Ibidem, p.36).

Por toda a superfície terrestre encontramos modificações feitas por ações antrópicas que fazem mudar a paisagem natural. A aglomeração de pessoas em determinada localidade, norteadas quase sempre pela busca por melhores condições de vida, faz com que haja no “ponto de interesse social” um crescimento populacional estimulado, com modificações que podem ter sido (ou continuar sendo) feitas de forma ordenadas ou desordenadas de acordo com inúmeras variáveis, entre elas, a estrutura preexistente e interesses públicos e privados. Sobre os fatores que teriam provocado a expansão do bairro, levantou-se, conforme coloca o gráfico 2, que para um terço dos moradores a expansão é resultado direto da instalação da fábrica, três quintos afirmaram que ocorreu devido ao aumento natural da população – sem ser, necessariamente, por conta da empresa, e para os demais teria sido por motivos diversos.

Gráfico 2: Motivos apresentados pelos moradores do distrito para justificar a expansão física



Fonte: Elaborado pelos Autores, 2017.

Ainda com base na ideia do parágrafo anterior, questionou-se os moradores sobre os tipos de transformações presentes na comunidade e que foram (ou teriam sido) gerados pela vinda da fábrica. Os moradores puderam escolher mais de uma alternativa dentre as expostas pelos entrevistadores. Os resultados mostraram que para 20% houve um aumento nos níveis de poluição (seja ela visual, sonora ou química); para 15%, ainda que tenha trago ônus, a instalação trouxe o bônus de uma melhora na oferta de serviços públicos, como a abertura de um Posto de Saúde e a inauguração de uma creche – resposta subjetiva e distorcida, já que esses serviços, na verdade, foram disponibilizados pela prefeitura a partir de programas específicos e não tem, ao menos diretamente, nada a ver com a instalação da fábrica; a maioria, 92%, mencionaram as modificações físicas estruturais, como a instalação de novos

lotes e o preenchimento de grande parte dos que se encontravam vagos; apenas 2% disse ter havido aumento de violência.

Com base na instalação e permanência da empresa em Gaspar Lopes e no seu reflexo na qualidade de vida dos moradores, na oferta de produtos e serviços no local – ocorrido em virtude de uma maior circulação de dinheiro proveniente, em grande parte, dos salários dos operários –, na expansão física observada nos últimos anos e de sua influência nas relações sociais dos residentes e das transformações diversas que uma atividade industrial propicia ao seu redor, foi perguntado aos entrevistados se eles gostam de habitar o bairro. Conforme posto no gráfico 3, um décimo dos moradores disseram ser o local péssimo para se morar, um quarto respondeu que o ambiente é ótimo para se viver, contrabalanceado pela metade que apontou que o distrito é bom para se estanciar; o restante, não quis opinar.

Gráfico 3: Percepção dos moradores em relação à habitação no bairro



Fonte: Elaborado pelos Autores, 2017.

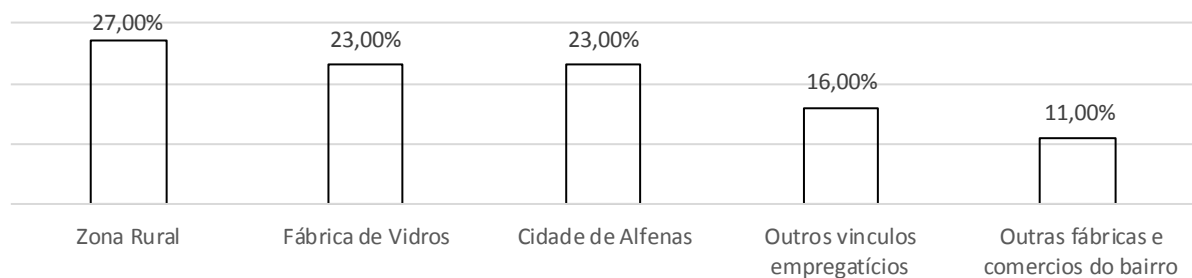
Em relação à origem das famílias que atualmente estanciam em Gaspar Lopes, 66% dos entrevistados (que representam seu grupo familiar) responderam que são originários do próprio bairro, 11% disseram que vieram da cidade de Alfenas e os demais, 23%, de outros municípios. Muitos moradores vieram de outras localidades após a aposentadoria por considerarem o local um lugar mais tranquilo e familiar para se viver, já outros disseram que vieram em busca de menores custos de vida e na tentativa de novas oportunidades, como por exemplo, uma vaga de emprego na fábrica de vidros ou em fazendas próximas. Sobre essa dinâmica pendular que viabiliza a ida para um meio rural articulado, Balsadi (2001, p. 158) pondera que:

A antiga concentração das atividades agrícolas nas áreas rurais e da manufatura nas cidades é cada vez menos marcada por uma diferenciação de estrutura das atividades econômicas e sociais desenvolvidas nas áreas urbanas e rurais. É cada vez mais freqüente o fato de residentes urbanos passarem a viver no meio rural e viajarem diariamente para seu trabalho (*commuting*) pelos mais diferentes motivos (custo de vida, segurança, estilo de vida) e de empresas (serviços e indústria) mostrarem maior

propensão a escolher sua locação fora de grandes aglomerados urbanos. O resultado dessas mudanças (rural diferente de agrícola) é que a distribuição do emprego está cada vez menos polarizada e cada vez mais similar nas áreas urbanas e rurais (Ibidem, 2001).

Sobre o local de trabalho dos membros da família (tendo uma média de moradores por residência de três a cinco pessoas, sendo de uma a duas o número real de trabalhadores – com exceção de algumas em que todos eram aposentados), a pesquisa mostrou que a zona rural é o setor que mais emprega no distrito, ficando com pouco mais de um quarto da mão de obra ativa, principalmente na época da safra do café – com o passar da colheita, parte da população fica desempregada, por conta disso, aproveitam da época para ganhar e poupar dinheiro para os demais meses do ano, que são supridos também pelo seguro desemprego. Em segundo lugar, seguem empatadas a fábrica e a cidade de Alfenas. No quarto e quinto, respectivamente, ficaram outros vínculos empregatícios e outras empresas de Gaspar Lopes. Os valores reais podem ser vistos no gráfico 4, na sequência.

Gráfico 4: Local de trabalho dos membros das famílias de Gaspar Lopes



Fonte: Elaborado pelos Autores, 2017.

Sobre a disponibilidade de empregos no distrito, analisamos se o que está disponível atualmente (no segundo trimestre de 2017) é suficiente ou não para atender a demanda local (notem que estamos falando dos ofertados no bairro). Dessa forma, levantamos que para 80% dos entrevistados a oferta é insuficiente. Uma das razões mais apontadas é o fato da empresa de vidros (que é a maior instalada no bairro e a única realmente capaz de empregar uma parte significativa da população ativa) não conceder, atualmente, preferência para os moradores, já que vem dando preferência à mão de obra externa. Segundo relatos, isso tem acontecido porque entre os que estão desempregados, muitos, ao invés de se interessarem em conseguir uma vaga de emprego na empresa de vidros (ou em outras), acabam se envolvendo em situações que prejudicariam uma possível contratação, ou seja, à priori – “tenderia” a haver uma culpabilidade por parte dos próprios candidatos. A respeito dos efeitos da falta de

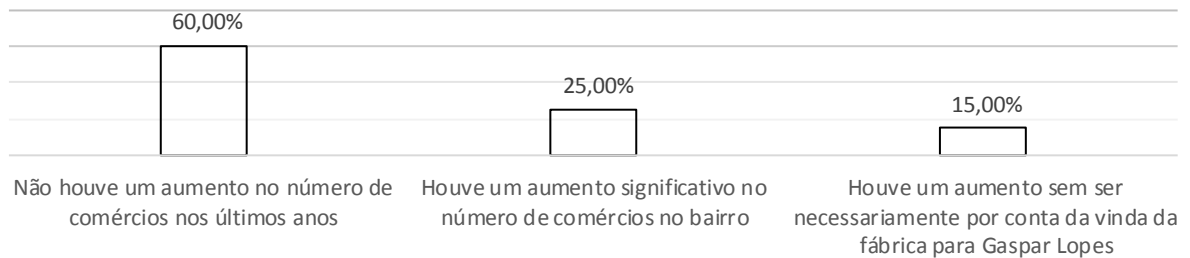
colocação profissional entre os jovens brasileiros de 15 e 24 anos, Silva e Kassouf (2002) revelam que:

Além dos problemas econômicos gerados pelo desemprego entre os jovens, talvez o mais grave seja que “o desemprego e a baixa empregabilidade dos jovens têm contribuído para o aumento da violência, da prostituição, e do consumo de álcool e drogas, assim como sua vulnerabilidade social em todo o mundo” (OIT, 1999, p. 2). Vários estudos correlacionam a situação de desemprego com a criminalidade juvenil [...] Ademais, vários estudos na área da saúde procuram correlacionar a saúde dos indivíduos com o status ocupacional, tendo vários deles mostrado associação entre desemprego e doenças físicas e psíquicas [...] (Ibidem, p.100).

Como visto, há uma controversa neste sentido. Já que devemos considerar a hipótese de que alguma(s) dessas situações podem ser facilmente geradas pela falta de emprego, ao passo que também pode ocorrer o contrário – a preexistência desses conflitos sociais seriam a verdadeira negativa para a entrada e permanência de muitos jovens e adultos no mercado de trabalho. Este é um assunto amplo e que merece ser melhor aprofundado e discutido, não nesta obra, já que fugiria diretamente do foco. Para tanto, deixamos uma lacuna para que novas pesquisas sejam realizadas na comunidade, afim de trazer à tona os problemas, as causas e as soluções desse problema social vivido por todo o Brasil. Apesar disso, observou-se que a empresa tem oferecido oportunidades para uma parcela da população, como o caso de uma entrevistada que expôs que sua qualidade de vida mudou prestando serviços indiretos para a fábrica por meio da venda de salgados em horários de intervalos (café e almoço).

Sobre o aumento no número de pontos comerciais, conforme mostra o Gráfico 5, três quintos dos entrevistados disseram não ter havido acréscimo nos últimos anos, um quarto disse acreditar que houve sim um aumento significativo em decorrência da vinda da empresa, e os demais consideram a possibilidade do aumento sem ser necessariamente atrelado à fábrica. Lembrando que, o total de comércios presente no bairro já foi exposto anteriormente (30), uma quantidade considerável em termos quantitativos, mas que se torna insuficiente em termos qualitativos (salvo exceções como a indústria e o supermercado).

Gráfico 5: Quantidade de pessoas que acreditam que houve aumento no número de comércios em Gaspar Lopes



Fonte: Elaborado pelos Autores, 2017.

Com a implantação e consolidação de uma indústria de médio porte em um distrito rural há de se esperar uma expansão econômica resultante do dinheiro oriundo dos salários dos funcionários e que passa, direta ou indiretamente, a circular também dentro do bairro. Sendo assim, verificou-se a percepção dos moradores quanto ao aumento na quantidade de dinheiro circulante na comunidade a partir da instalação da empresa, tendo sido levantado o seguinte: 55% responderam que acredita que houve um aumento de circulação de dinheiro no bairro atrelado a fábrica e que este se dá através dos funcionários da mesma que gastam parte dos salários nos comércios e com os serviços oferecidos no local, 12,5% disseram que houve sim um aumento, mas não diretamente atrelado à indústria e comércio de vidros, e os demais 32,5%, não observaram esse aumento no distrito nos últimos anos.

Considerações finais

Com base no levantamento histórico de Gaspar Lopes, nas análises de observação e descrição do cotidiano local e nas respostas aos questionários aplicados na comunidade, foi possível perceber que o distrito não possui uma dependência unilateral em relação a empresa de vidros, isso porque a mão de obra ativa do bairro, de acordo com a pesquisa e amostragem, está distribuída quase que de forma igual entre a fábrica, os serviços praticados no campo – sejam eles fixos ou sazonais –, e aqueles presentes na cidade. Observou-se também que a expansão física ocorrida nos primeiros anos do século XXI foi produzida à quem da empresa, tendo sido oportunizada especialmente pelo aumento populacional natural e/ou migratório, que viabilizou, por consequência, investimentos públicos no local – como a reforma e ampliação da única escola e a construção do posto de saúde, entre outros. Essas melhorias estimularam o adensamento da parte central preexistente no bairro, ou seja, a ocupação de

muitos lotes vagos. Quanto a oferta de produtos e serviços mais especializados, de acordo com o levante realizado, existe uma ineficiência do mesmo, o que perpetua a forte dependência da comunidade aos produtos e serviços ofertados na cidade, entre eles, os mais específicos, como bancos e artigos sofisticados.

Referências

- BALSADI; O. V. **Mudanças no Meio Rural e Desafios para o Desenvolvimento Sustentável**. SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, 15(1) 2001.
- BARKLP; PARENTE.J. **Oportunidades na baixa renda**. GV EXECUTIVO. VOL.4 • Nº1 • FEV./ABR. 2005.
- FIORAVANTI. L, M. **Da periferia à centralidade: reestruturação do espaço e valorização imobiliária no bairro do Jaguaré, São Paulo**. São Paulo: FFLCH, 2013, 137p.
- PINTO, G. J. **Do sonho à realidade: Córrego Fundo – MG, fragmentação territorial e criação de municípios de pequeno porte**. 248f. Dissertação (Mestrado em Geografia). IG-UFU, Uberlândia, 2003.
- HALLEY, B. M. **Bairro rural/bairro urbano: uma revisão conceitual**. GEOUSP –Espaço e Tempo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 577-593, 2014.
- JUNIOR. F.S.C, **A revalorização do Patrimônio Histórico de Alfenas**, 2013. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Alfenas, 2013.
- PINA; J.H.A; O. A. LIMA; V.P. SILVA. **Município e Distrito: um estudo teórico**. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v.3, n. 6, p. 125-142, ago. 2008.
138
- QUEIROZ, M. I. P de. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- SILVA, N.D.V.; KASSOUF, A.L. **A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro**. Revista Brasileira de Estudos de População, v.19, n.2, jul./dez. 2002.
- VEIGA, Bernardo Saturnino. **Almanach Sul-mineiro para 1874**. In: TYPOGRAFIA DO MONITOR SUL-MINEIRO, Campanha, 1874.

Recebido em 08 de janeiro de 2018.

Aceito em 07 de maio de 2018.